

- SCOTT, A. J., STORPER, M. (1986). Industrial change and territorial organization: a summing up. In A.J. Scott and M. Storper (eds.), *Production, work, territory: the geographical anatomy of industrial capitalism*. Boston, Allen & Unwin, pp. 301-11.
- SIRMANS, C. F. (1977). City Size and Unemployment: Some New Estimates. *Urban studies*, n.º 14, pp. 91-101.
- STÖHR, W. (1985). *Territorial innovation complexes*. Institute of Urban and Regional Studies, University of Economics, Vienna.
- STORPER, M. (1985). Oligopoly and the product cycle essentialism in exconomic geography. *Economic geography*, n.º 61, 260-82.
- STORPER, M., CHRISTOPHERSON, S. (1986). Flexible specialization: a critique and case study. Graduate School of Architecture and Urban Planning, University of California - Los Angeles. *Discussion paper* n.º 68.
- \_\_\_\_\_. (1987). Flexible specialization and regional industrial agglomerations. *Annals of the Association of American Geographers*.
- STORPER, M., WALKER, R. (1983). The theory of labour and the theory of location, *International journal of urban and regional research*, n.º 7, pp. 1-41.
- STRUYK, R., JAMES, F. (1975). *Intrametropolitan industrial location*. Lexington, Mass.: Lexington Books.
- VERNON, R. (1979). The product life cycle hypothesis in a new international environment. Oxford, *Bulletin of economics and statistics*, n.º 41, pp. 255-67.
- VIPOND, J. (1974). City size and unemployment. *Urban studies*, n.º 11, pp. 39-46.
- WALKER, R., STORPER, M. (1981). Capital and industrial location. *Progress in human geography*, n.º 5, pp. 473-509.
- YOUNG, A. (1928). Increasing returns and economic progress. *Economic journal*, n.º 38, pp. 527-42.

## O legado perdura: o impacto do papel internacional da Grã-Bretanha em sua geografia interna

Doreen Massey

Tradução de Ricardo Y. Imaeda e Csaba Deák

### O argumento

O problema regional britânico mudou a ponto de se tornar quase irreconhecível, várias vezes nos dois últimos séculos. Em suas linhas gerais a história é bem conhecida. Durante grande parte do século XIX, as áreas dinâmicas do país estavam no norte e no oeste. Áreas que hoje consideramos prósperas estavam em profunda depressão agrícola. Já nas décadas de 20 e 30 deste século, o quadro mudava rapidamente. Nas regiões industriais do norte e do oeste se encontravam as mais altas taxas de desemprego e alguns dos piores níveis de pobreza. As indústrias mais novas estavam agora concentradas no sul e no leste do país, e nos Midlands. Em termos de indicadores de desigualdade social, a geografia do país tinha de ser virtualmente invertida. Um de meus argumentos neste artigo é que estamos agora em um ponto de inflexão similar: as mudanças na geografia econômica nacional, em curso desde meados dos anos 60 sob formas e velocidades variáveis, marcam precisamente uma outra mudança estrutural de mesma natureza. O que estamos experimentando no momento é uma mudança da mesma magnitude daquela de meio século atrás.

Temos agora novas áreas com níveis calamitosos de desemprego - sobretudo nas cidades do interior e em West Midlands - que se somam às antigas. Surgem novas estruturas e padrões de desigualdade. A concentração de empregos de prestígio e bem remunerados no que veio a ser chamado de "Sunbelt britânico", enquanto o resto do país fica - se é que fica - com empregos industriais menos qualificados e mal remunerados, é a característica mais óbvia e mais comentada da nova geografia da economia britânica.

O objetivo deste artigo é situar tais mudanças num contexto mais abrangente. Obviamente

há muitas causas, a diversos níveis diferentes de explicação, à base dessas mudanças geográficas. O que eu quero enfatizar e explorar é um aspecto particular, uma linha particular dessa explicação: a saber, a continuada *influência da posição internacional histórica da Inglaterra*. Tal enfoque não pretende de forma alguma oferecer uma explicação completa para o que está acontecendo com a geografia interna do país. No entanto, esse é um elemento de explicação particularmente importante, porque nos força a considerar uma perspectiva mais ampla e de longo prazo.

Nós estamos acostumados a focalizar os países da África, ou da América do Sul, e explicar como suas estruturas espaciais internas (ou ao menos a parte dessas estruturas que constam em nossos mapas) refletem claramente o papel e a posição internacionais desses países - em outras palavras, o seu *status* de países anteriormente colonizados. Os portos dominantes, os sistemas de transporte direcionados, a sobreposição de uma orientação externa a uma forma preexistente de economia e sociedade nativas são todos um claro reflexo de um país drenado para exportação pelos países que hoje chamamos de Primeiro Mundo.

Talvez se admita menos freqüentemente que grande parte do mesmo arcabouço de análise pode ser aplicado também para o Reino Unido, e que a organização interna da economia britânica, suas diferenças regionais, a ascensão e queda de suas cidades, não podem ser analisadas apenas pela organização interna da Inglaterra. É necessário, de forma análoga, colocar a economia inglesa no seu contexto internacional, compreender a mudança de seu papel internacional. A diferença, obviamente, é que a economia inglesa - ou, pelo menos, o capital inglês - tem estado por muito tempo do lado dominante das relações econômicas internacionais.

## O legado

No século XIX, no que se refere aos níveis de desemprego e de salários, alguns dos mais sérios casos de miséria social localizavam-se no sul e no leste agrícolas da Inglaterra. Em termos de empregos industriais, as regiões oeste e norte eram o foco da dinâmica de crescimento. A produção de carvão, navios, algodão, ferro e aço dominava a economia. Até a migração se dava em direção oposta àquela de um século mais tarde, com mulheres e crianças a cargo da "Lei dos Pobres" (*Poor Law*)\* sendo embarcadas para o norte como mão-de-obra barata para as fábricas da região. A geografia interna refletia o papel internacional. A predominância dessa série de indústrias na economia, e portanto sua ascendência também na economia espacial, resultavam da posição dominante da Grã-Bretanha no mundo. Conta-se frequentemente a história da entrada pioneira do país na indústria moderna, seu comprometimento com o livre comércio (competição em que ele podia vencer) e seu papel industrial dentro dele. Em alguns casos, como mineração de carvão e construção naval, o crescimento de uma indústria na Inglaterra simplesmente refletia seu papel dominante. Em outros, a expansão da indústria inglesa acarretava claramente a decadência em algum outro lugar. O crescimento da indústria algodoeira em Lancashire e no oeste da Escócia exigia a destruição das indústrias têxteis florescentes do Egito e da Índia, entre outras. Deve-se lembrar ainda que isso nem sempre, nem apenas, era uma questão de competição livre e justa. A indústria têxtil da Índia foi solapada por barreiras monopolistas e comerciais. A Companhia Britânica das Índias Orientais obteve o virtual monopólio da compra dos produtos exportados pela Índia e forçou a queda dos preços até o ponto de levar sua produção à ruína. Ao mesmo tempo, em seu país, o governo britânico cobrava vultosas taxas sobre as importações indianas, enquanto os produtos britânicos entravam livremente no mercado indiano. "Não fosse esse o caso - escreveu Horace Wilson -, os moinhos de Paisley e Manchester teriam sido parados em seus primórdios, e dificilmente poderiam sequer ser recolocados em funcionamento, mesmo com a força a vapor. Eles foram criados com o sacrifício dos fabricantes indianos" (citado em Clairmonte, 1960: 87; Bucha-

nan, 1982, p. 29). A dominação inglesa e seu papel internacional não derivavam apenas das "leis econômicas" do mercado. De forma mais geral, a divisão espacial do trabalho estabelecida nesse período no Reino Unido é o reverso da medalha, o resultado na outra extremidade daquelas relações internacionais, que estavam construindo a infra-estrutura urbana e de transportes orientada ao exterior através dos portos, nas colônias e em grande parte do que viria a se tornar o Terceiro Mundo. Do ponto de vista da Inglaterra, ao se debruçar hoje sobre o passado o vemos com o conhecimento *ex post facto*, e atribuímos os problemas dessas "áreas de desenvolvimento" de indústria pesada à sua excessiva dependência de um ou dois ramos industriais, amplamente predominantes. Mas não parecia assim no século XIX. O Império britânico emergente e o domínio inglês do comércio mundial foram construídos às custas dessas áreas e sobre o trabalho de seus povos.

Mesmo nessas regiões, o crescimento não deixou inteiramente de ser problemático. À parte as condições aterradoras sofridas por uma classe operária em expansão maciça e aglomerando-se em cidades, a estratégia internacional adotada - a forma do crescimento - produzia seus próprios problemas, mesmo nas próprias regiões em que tal crescimento se concentrava. De fato, tais regiões ressentiam a instabilidade crônica do ciclo de comércio, uma instabilidade que fazia "parte do preço pago pela Grã-Bretanha por uma estrutura industrial aparentemente próspera, baseada em exportações mais do que na demanda interna, e claramente o ônus recaiu especialmente... sobre aquelas regiões que criaram [aquela] prosperidade" (Southall, 1983). A instabilidade era um efeito, não do crescimento em si, mas da natureza desse crescimento - em última instância, portanto, decorria da posição específica do capital inglês na economia mundial. Da mesma forma que o crescimento do Império e o domínio internacional criaram as estruturas espaciais de há um século, o declínio dessa dominação constituía o fulcro dos problemas regionais que estivemos experimentando na maior parte deste século.

De novo, a história é bem conhecida: como as mudanças nos padrões internacionais de

produção e comércio, o declínio do Império e da predominância britânica mais ampla, a reorganização da divisão internacional do trabalho, trouxeram o colapso das economias do sul do País de Gales, do nordeste da Inglaterra, da região central da Escócia e de Lancashire. Aqueles que outrora trabalhavam nas principais indústrias dessas regiões passaram a pagar o preço pelo papel internacional do capital britânico no século XIX.

Contudo, o surgimento do problema regional britânico das décadas de 20 e 30 não foi um resultado apenas do declínio do papel internacional da Inglaterra e, certamente, não apenas das forças externas ao país. A devastação provocada em muitas regiões periféricas do país, ao longo desse período, foi também, em parte, um resultado da tentativa do Estado britânico de manter uma posição internacional que parecia estar perdendo.

A vitória dos grandes bancos em conseguir o retorno ao padrão-ouro\* teve importantes efeitos geográficos. As indústrias que trabalhavam para mercados exportadores - engenharia, mineração de carvão, indústria pesada de uma forma geral - foram duramente atingidas; caíram os salários e crescia o desemprego. E o impacto, naturalmente, foi sentido mais intensamente na "região sempre mais profunda das áreas, antes de altos salários, do norte e do oeste" (Foster, 1976, p. 16). Tentativas subseqüentes de manter o valor da libra apenas intensificaram o processo. Até mesmo uma retaliação contra algum rival internacional em potencial tinha precedência sobre a saúde econômica de regiões da Grã-Bretanha, já bastante atingidas: "No começo da depressão na indústria de mineração, apenas algumas minas mais dependentes de exportação foram seriamente afetadas. As condições de reparações de guerra impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes tiveram papel considerável nesse processo. A França, Itália e Bélgica, que antes eram clientes dos campos de mineração do sul do País de Gales, Durham e Escócia, não precisavam mais importar a mesma quantidade de carvão inglês, por causa dos grandes suprimentos de carvão que elas estavam recebendo da Alemanha à guisa de reparações" (Hannington, 1976, p.32). Em outras partes do país o efeito foi muito diferente. A própria guerra havia criado condições de proteção pa-

ra todo um novo grupo de indústrias, dessa vez produzindo para o mercado doméstico. Esses novos componentes da estrutura industrial eram localizados principalmente no sudeste e nos Midlands (região central) da Inglaterra, e ao final da guerra e o retorno ao padrão-ouro, muitas taxas de importação foram mantidas (por exemplo, sobre carros e produtos elétricos). Os setores de serviços, também localizados em sua maioria no sul e no leste, continuavam a florescer. Para todos esses setores da economia os salários subiram - um fato que só podia aumentar a atração do sudeste e dos Midlands sobre as indústrias de bens de consumo que se expandiam no período entreguerras. Não era apenas uma mudança na posição econômica internacional, senão a estratégia econômica e de política internacional inglesa, que estava à raiz da flagrante desigualdade geográfica do país no período entreguerras.

Essa época é às vezes vista como se fosse de outro planeta. No entanto muitos temas desse período continuam atuais até hoje. Primeiro, e de forma mais geral, a posição internacional da Grã-Bretanha, assim como alterações dessa posição continuam fundamentais para a sua geografia interna. Segundo, essa mesma posição provém tanto de forças econômicas quanto de estratégia política - uma estratégia que persegue uma forma particular de inserção internacional, e que tem sido tão contraditória para a geografia interna da Inglaterra quanto para a sua economia nacional. E terceiro, e politicamente o mais problemático, a maioria das ondas de declínio que atingiram a economia britânica e reduziram a antiga prosperidade de suas regiões são o resultado do declínio de uma dominação internacional que seria extremamente difícil de defender dentro de um quadro político mais amplo.

## As questões atuais

Como referido no início do artigo, os últimos vinte anos viram outra grande mudança na geografia econômica e social da Inglaterra. E uma vez mais essa ampla reorientação estrutural dos padrões e relações geográficas internas só pode ser compreendida no contexto das mudanças de posição internacional do Reino Uni-

\**Poor Law*: uma espécie de "seguro social" destinado a impedir a morte por fome ou inanição de enormes contingentes de população que já perderam seus meios de subsistência, mas ainda não foram incorporados à força de trabalho assalariado na Inglaterra, durante três séculos, do XVII ao XIX. (N.T.)

\*Retorno ao padrão-ouro: referência à política, desastrosa para a indústria britânica, de sustentar a libra-esterlina enfraquecida após a Primeira Guerra, através de pesados financiamentos necessários à manutenção de sua conversibilidade em ouro. (N.T.)

do. Uma vez mais as mudanças na geografia interna são, em grau significativo, um reflexo de processos de mudanças internacionais. Há toda uma série de formas em que essa influência da alteração das relações internacionais sobre a geografia interna poderia ser traçada. As seções seguintes enfocam cinco aspectos dessas mudanças atualmente em curso, todos eles relacionados ao fato central da desindustrialização, e todos associados com a mudança na posição internacional da economia britânica.

### Descentralização da produção

Em 1959, a geografia do emprego industrial era dominada pelas grandes cidades e pelas regiões de West Midlands (centro-oeste) e sudeste. Era, em outras palavras, uma geografia muito diferente, quase a imagem especular daqueles antigos complexos de mineração-siderurgia-construção naval nas "regiões-problema da periferia". As principais concentrações de emprego industrial, que juntas correspondiam a mais da metade do total nacional, eram: Grande Londres, 18%, West Midlands, 8%, Grande Manchester, 7%, Área Metropolitana Externa\*, 7%, West Yorkshire, 6% e Clydeside, 6% (Keeble, 1976). Na maior parte dessas áreas, a composição do emprego era bastante variada. O West Midlands, em Birmingham, ainda tinha uma considerável presença daquelas indústrias metalúrgicas de pequeno e médio porte que haviam feito dessa cidade por algum tempo o centro da "oficina do mundo"\*\*\*. Mas nessa época já havia também novos ramos de indústria, notadamente indústria automobilística multinacional e uma correlata indústria de autopeças. Por volta da década de 60, o operariado se tornou muito forte em termos econômicos em todas as referidas regiões. E foi precisamente nessa década que se iniciou a hoje famosa descentralização relativa da indústria, das conurbações para as áreas menos urbanizadas, e das regiões centrais para as periféricas. O efeito desse processo após uma década e meia foi um deslocamento considerável na distribuição geográfica da indústria manufatureira na Grã-Bretanha.

Uma das causas mais cruciais da descentralização foi a pressão sobre o capital britânico para

baixar seus custos de produção. O operariado urbano e dos antigos centros de produção industrial era melhor organizado e requeria salários mais altos do que a reserva de mão-de-obra em áreas menos urbanizadas e na periferia. As circunstâncias precisas da descentralização variavam de indústria para indústria. Em alguns setores de engenharia era vinculada principalmente à mudança tecnológica; em outras indústrias era simplesmente um movimento em busca de condições mais baratas de produção. Mas quaisquer que sejam as particularidades em cada caso, uma coisa é certa: a descentralização do emprego industrial na década de 60 e na primeira metade da década de 70 era, em boa medida, uma resposta às pressões da crescente competição internacional - a ameaça de enfraquecimento, que gradualmente se concretizava em efetivo declínio, de um antigo papel. Tradicionais mercados deixavam de ser "garantidos", novos mercados eram mais competitivos, e um número crescente de países engajava-se nessa competição. A reorganização geográfica do capital inglês dentro da Inglaterra (assim como externamente) foi um importante elemento em sua resposta inicial à crise que se anunciava.

### Desindustrialização

Foi sobre esse padrão já em mudança que a desindustrialização se fez sentir. A descentralização já era, na verdade, relativa (o resultado de um saldo líquido entre crescimento e declínio), sem ser sempre o resultado de efetiva realocação. A perda maciça de empregos industriais mostrou-se de certa maneira um claro sinal de que a estratégia de reestruturação espacial não funcionara.

Desde meados da década de 60, a economia mundial tem passado por outra reorganização de sua estrutura interna. É lenta e hesitante em seu progresso, mas seus efeitos sobre os países capitalistas metropolitanos já é considerável. Na Inglaterra, tais efeitos, reforçados pelas fraquezas estruturais de longo prazo e pelas políticas econômicas monetaristas, têm sido dominados pela desindustrialização. O emprego industrial tem declinado em todas as economias capitalistas metropolitanas, mas o declínio na Grã-Bretanha tem sido particularmente marcante. O

papel internacional da Grã-Bretanha como uma economia industrial está sob ameaça.

A geografia desse declínio é diferente daquela das décadas de 20 e 30. Dessa vez não apenas alguns setores importantes, senão virtualmente todo o espectro da indústria manufatureira está em risco. Trata-se, portanto, de uma geografia muito mais geral de declínio. Não apenas algumas regiões, mas quase todo o país parece ter sido atingido em maior ou menor grau.

A desindustrialização atingiu primeiro as cidades, especialmente Londres. Na verdade, Londres começou a perder empregos industriais já na década de 50. Os números são tão espetaculares que tornam difícil sua compreensão. Entre 1962 e 1982, Londres perdeu 60% de seus empregos industriais. E, claro, não foi só Londres; cidade após cidade assistiu ao colapso de sua base industrial. Como já assinalado, não se tratou de um problema circunscrito às cidades, a ser atribuído à realocação das firmas em outras áreas: os empregos perdidos nas cidades foram empregos perdidos na economia como um todo. Tampouco pode se atribuir o maior impacto sobre as cidades à dominação de suas estruturas industriais pelos setores mais vulneráveis - aqueles mais decadentes a nível nacional. Na verdade, ocorreu que as cidades perderam empregos, dentro de cada setor industrial, mais cedo e mais rapidamente do que qualquer outro lugar. As razões são complexas e variam segundo os tipos de indústria, mas se fosse para apontar dois elementos fundamentais para a explicação geral, estes seriam a idade do parque instalado e a força do operariado. Nas cidades, a indústria possuía instalações e maquinaria mais antigas, e enfrentava, via de regra, mão-de-obra melhor organizada. Pode-se dizer que a geografia da desindustrialização é a geografia da perda de empregos industriais e que segue de perto essas duas variáveis.

Depois das cidades, regiões inteiras foram afetadas, sobretudo as tradicionais regiões de indústria metal-mecânica avançada - a West Midlands e o noroeste -, à medida que a onda de declínio se irradiava a partir das aglomerações urbanas maiores. Hoje, poucos lugares parecem seguros. A indústria manufatureira está fechando suas portas naquelas regiões afastadas para as quais tinha se "descentralizado" na década de 60 (por exemplo, os "empregos femininos" nas Áreas de Desenvolvimento estão atualmente se extinguindo). E os empregos estão diminuindo até mesmo naquelas áreas urbanas menores

e centros locais que até recentemente pareciam imunes. Mesmo que haja uma "recuperação", é improvável - sem uma política de intervenção radical - que traga de volta maciços empregos industriais para as grandes cidades ou para as regiões onde outrora a indústria manufatureira constituía a base da economia. Na verdade, está ocorrendo um grande esvaziamento, tanto espacial como industrial, e que deverá trazer alterações radicais na geografia industrial à qual estamos acostumados.

Esse é um ponto importante - a saber, uma nova geografia da indústria manufatureira do setor privado será inteiramente diferente da antiga, pois se perdeu para sempre a geração e o padrão geográfico de toda uma época anterior. E grande parte desse declínio - especialmente nas cidades e regiões de industrialização mais antiga - é o declínio de uma indústria que nunca teria existido, não fosse por uma era, agora passada, de dominação econômica internacional por parte da Inglaterra.

### O movimento trabalhista

Descentralização e desindustrialização são assim, tanto respostas quanto resultados do declínio da posição internacional da Inglaterra enquanto economia industrial dominante. Juntas, elas estão tendo um importante impacto sobre a geografia social e política do país. Isto porque cada onda de declínio levou consigo, ou alterou substancialmente, também uma era da geografia do movimento operário. A decadência das antigas indústrias básicas das regiões periféricas nas décadas de 20 e 30 - um processo ainda em curso -, levou consigo os sindicatos e as bases geográficas do trabalhismo tradicional. Hoje, o colapso mais generalizado da indústria nas cidades e nas regiões centrais está carregando outras instâncias, de âmbito bem diferente: a rica diversidade industrial das cidades, com suas redes de conselhos operários locais, as formas mais recentes e ousadas de militância em algumas novas gerações da grande indústria - sendo o exemplo mais óbvio aquele dos trabalhadores da indústria automobilística de Midlands. Cada um desses movimentos tem uma história política e organizacional bastante diferente, tanto entre si, quanto em relação aos grandes sindicatos da periferia. Em ambos, a militância tem sido mais forte nas questões econômicas do que em questões políticas mais amplas. Em ambos tem havido uma relação mais conturbada com o Partido Trabalhista. Pelo fato das indústrias

\*A saber, de Londres. (N.T.)

\*\*\*'A oficina do mundo' (the workshop of the world), designando a Inglaterra da era Vitoriana. Uma expressão consagrada que se refere à preponderância mundial quase absoluta da indústria inglesa, que no seu auge de 1840 a 1865 respondia por dois terços do comércio internacional de manufaturas. (N.T.)

antigas terem se baseado na supremacia britânica internacional, essa última tem sido vista como sendo a própria raiz do conservadorismo dos sindicatos que se desenvolveram no bojo de sua história:

"O conservadorismo da classe trabalhadora... suas raízes são muito mais longas e provavelmente mais profundas na Grã-Bretanha do que em qualquer outro lugar da Europa. Relacionam-se elas ao impacto do colonialismo e do imperialismo na formação da consciência da classe operária... Os sindicatos de trabalhadores especializados do século passado beneficiaram-se enormemente do papel imperial da Inglaterra. Joseph Chamberlain tinha uma sólida base na classe operária de Midlands. Isso... ainda matiza o moderno movimento trabalhista. Se se olhar para as divisões no TUC [Congresso dos Sindicatos], descobre-se que os sindicatos de trabalhadores especializados que surgiram na época do Império constituem a extrema direita do movimento. Os metal-mecânicos apoiaram Healey na disputa pela liderança no Parlamento - os eletricitistas estão virtualmente nas mãos do SDP [Partido Social Democrata]" (Livingstone, 1983, p. 27).

O que está sendo construído é bastante diferente. As reservas recentemente incorporadas das regiões periféricas e das áreas menos urbanizadas ainda têm de juntar suas forças. As novas localizações periféricas em áreas rurais, dos últimos anos, não são diferentes apenas locacionalmente - nas condições geográficas para organização do movimento - e nos tipos de trabalhadores que empregam; acima de tudo, foram elas constituídas sob condições econômicas muito diferentes, a saber, em meio ao movimento de desindustrialização generalizada. Essas localizações também se estabelecem num período em que, comparativamente às camadas mais antigas de investimento industrial, a flexibilidade da localização industrial, tanto dentro do país como a nível internacional, é muito maior. Tudo isso junto significa que o novo investimento na indústria manufatureira agora se dá no contexto de uma competição acirrada entre trabalhadores e entre regiões. Nesse contexto, o empresariado tem conseguido impor condições de organização sindical (tais como indústrias com sindicato único) muito diferentes daquelas que caracterizaram a indústria

manufatureira britânica em sua história até o momento.

Enquanto isso, em algumas cidades, um novo tipo de radicalismo está surgindo, formado em condições muito diferentes daquelas de qualquer uma das tendências mais antigas do movimento operário. Muito freqüentemente, ele tem pouca ligação com a indústria manufatureira organizada; na verdade, a maior parte dele reúne grupos abandonados pela maré de desindustrialização e aqueles - por exemplo, no setor público - que estão lutando contra seus efeitos.

### A "City"

Mas há uma parte da economia, e um lugar geográfico, que permaneceu ileso através de ambos os grandes períodos de transformação profunda quando outros setores e outras áreas estavam em declínio acelerado: a "City"\*. Sua importância política e social é, por certo, evidente para todos, mas ela é importante também espacialmente. A mais evidente é sua concentração geográfica, ao menos de suas funções aos escalões superiores. Seu próprio nome está inextricavelmente ligado à sua localização - "A Cidade". E sua posição dominante tem sido um elemento importante tanto na escala do crescimento subsequente do setor de serviços financeiros do país (suplantando, por exemplo, o de Paris), como na localização desses últimos dentro da Inglaterra. De fato, enquanto alguns aspectos do Império e do domínio internacional podem ter se enfraquecido, outros continuaram a prosperar. Enquanto o preço de um Império decadente era pago duramente pelas "regiões", a "City" alegremente seguia seu curso. Havia pouco ou nenhum desemprego em Lombard Street e suas redondezas. Numa análise do investimento em escritórios e da demanda por novos edifícios em Londres, na década de 80, Barras (1981, p. 15) escreve: "A expansão futura é provável, contudo, nos serviços financeiros e serviços profissionais associados, tais como jurídicos e contábeis. Isso reflete o dramático crescimento do setor financeiro, comparado com os setores industriais e comerciais da economia britânica. Grande parte do crescimento

da 'City' pode ser atribuída a seu desenvolvimento como centro financeiro internacional durante os últimos vinte anos, com o estabelecimento do mercado do eurodólar e a entrada de bancos estrangeiros (houve um crescimento de cinco vezes em seu número, entre 1963 e 1979)". Mesmo nos anos recentes de rápida desindustrialização, a "City" continuou a se expandir. E também continuou a se concentrar na região central de Londres. Mesmo quando o emprego em seguros começou a se descentralizar na década de 70, o emprego em bancos cresceu cerca de um quarto: 86% dos empregos em serviços financeiros são concentrados em Londres.

### Ramos industriais

O impacto da mudança na divisão internacional do trabalho e a mecânica da desindustrialização podem ser observados mais precisamente pelo exame da organização internacional dos ramos industriais individualizados e do lugar da Grã-Bretanha dentro dela. Ambos estão refletidos na mudança da geografia da indústria britânica.

Num espectro de setores tais como *vestuário e alguns têxteis*, com estruturas internacionais razoavelmente simples, a Inglaterra está simplesmente - e a longo prazo - perdendo lugar. O problema é principalmente de custos, e os efeitos tomaram uma forma geográfica bem definida. Até certo ponto, a pressão sobre os custos tem sido espacialmente diferenciada. Por exemplo, em Londres, a indústria do vestuário se viu entre dois elementos de mudança da divisão internacional do trabalho. De um lado, desafiado pelos produtores com custos menores em outros lugares do mundo, ela também se defrontou com o aumento dos custos e com uma competição crescente por sua própria mão-de-obra, à medida que a preeminência de Londres como centro mundial de finanças e serviços crescia. O grande capital industrial fechou suas portas em Londres e foi em busca de mão-de-obra mais barata para outros lugares. Em alguns casos partiu para o exterior, para se tornar ele mesmo parte do problema e contribuir para a desindustrialização da Grã-Bretanha. Em outros, procurou mão-de-obra mais barata nas regiões periféricas da Grã-Bretanha. Na outra extremidade do setor, o pequeno capital, incapaz de mudar de localização, deixou de existir ou implementou uma série de práticas de

corte de custos que, ao longo da última década, pioraram significativamente as condições de vida na cidade (Massey, 1984; Harrison, 1983).

Em *eletrônica*, onde as divisões hierárquicas na produção se espalham pelo mundo, o lugar do Reino Unido não é no "alto da escada". Certamente, tanto pesquisa e desenvolvimento do produto como todos os estágios da produção estão presentes na economia (à diferença, por exemplo, do caso dos países do Terceiro Mundo), mas é uma estrutura espacial intranacional voltada mais para a produção e desenvolvimento do que propriamente para pesquisa. E isso não ocorre somente porque temos novos investimentos em produção provenientes de capital estrangeiro (da Alemanha, Japão, Estados Unidos), mas também porque algumas das próprias empresas inglesas também são "desprovidas de cabeça". Um montante considerável de investimentos "ingleses" em pesquisa e desenvolvimento de ponta nessa indústria esteve e ainda está nos Estados Unidos - desde o envolvimento inicial do capital britânico no Vale do Silício até as instalações atuais de INMOS no Colorado.

O mesmo ocorre com a *indústria automobilística*, em que também estruturas fragmentadas de produção são cada vez mais organizadas internacionalmente. As recentes disputas em Vauxhall em torno da produção do "carro S" foram na verdade a respeito do lugar das instalações de produção britânicas dentro de uma estrutura internacional. E a mudança na organização internacional de uma indústria como a automobilística tem outros efeitos, também, sobre seus fornecedores.

Um bom exemplo é a *indústria de fundições*, geralmente de pequeno capital, não internacionalizado, e até há pouco tempo aparentemente invulnerável às importações. Hoje está cambaleando. Em parte isso ocorre porque, sendo uma indústria que produz bens intermediários e meios de produção, sofre duramente, como resultado da mudança na organização internacional de outros segmentos do capital. A indústria de moldados agora está sujeita à competição com os importados - mas como um resultado de importações indiretas, incorporadas: peças moldadas em carros importados e componentes de carros importados. Assim, a reorganização global do grande capital internacionalizado, e a mudança do lugar da Inglaterra dentro dela, traz também, como consequência, sérios problemas para o pequeno capital nacio-

\*Parte mais antiga do centro de Londres, abriga hoje o centro financeiro da cidade. (N.T.).

nal. A base econômica de West Midlands sofre novo golpe e a geografia da indústria britânica passa por mais uma mudança.

Nada disso pretende ser um apelo por uma política "nacionalista" para a indústria. É um argumento para situar a mutação da geografia do país num contexto internacional e, portanto, para compreendê-la em termos mais amplos do que uma série de "fatores de localização". Há outras formas também pelas quais a mudança no contexto internacional teve impacto, sendo a entrada na Comunidade Econômica Europeia uma das mais em evidência. Mas é possível detectar já a partir dessas mudanças alguns elementos do "novo problema regional" - as novas áreas decadentes, de um lado, e a descentralização de algumas das mais ingratas tarefas da produção, de outro.

## O caráter do capital inglês

Até agora esboçamos alguns aspectos da configuração espacial da desindustrialização na Inglaterra. Mas também há outras formas pelas quais a posição internacional da economia inglesa e o papel internacional do capital britânico exercem seu impacto sobre a estrutura geográfica interna do país. Uma das mais significativas delas refere-se à estrutura social da indústria britânica. O caráter do capital inglês é profundamente marcado por sua história e, em particular, pela sua longa história de internacionalização. Nesse sentido, as reverberações do impacto do Império prolongam-se até nossos dias - o legado perdura.

Há várias formas como isso acontece, e cada uma tem sua implicação geográfica.

## O setor financeiro

A posição dominante da "City" é das mais óbvias. Já observamos sua importância geográfica simplesmente em termos de sua própria distribuição de empregos. Mas a "City" é importante especialmente de outras maneiras. Trata-se de um setor financeiro com uma característica muito específica. É bem conhecido por sua natureza especulativa, seu "dinheiro", em contraste com a orientação para a produção, sua grande relutância em investir a longo prazo na indústria. São características derivadas de um passado internacionalizado. Elas têm, co-

mo é sabido, efeitos de amplo espectro na evolução da economia britânica. As estratégias da "City" e dos comerciantes sempre foram mais eficazes em servir seus interesses em comércio e investimentos estrangeiros do que em fortalecer e expandir a produção doméstica. A indústria manufatureira de base doméstica tem visto repetidas vezes seus interesses subordinados aos da "City".

As estratégias financeiras da "City" também têm efeitos mais imediatos. A estreita associação entre um setor financeiro especulativo e o setor imobiliário fez com que os preços dos terrenos em Londres se tornassem os mais altos do mundo. Em parte, esses preços elevados se devem à importância de Londres como um centro financeiro internacional (isto é, são resultado da demanda por *uso* pela "City"). Mas há pelo menos duas outras razões que devem ser consideradas.

Primeiro, há a natureza das estratégias de investimento da própria "City", por muito tempo com uma forte inclinação para imóveis. O *boom* de construção de escritórios em Londres na década de 60 foi liderado inicialmente por empreendedores independentes. Mas, atentos aos ganhos que se realizariam, as maiores instituições financeiras ingressaram diretamente nesse setor à procura de investimentos em propriedades de primeira linha. A natureza dessa demanda - por ativos de capital de longo prazo - restringiu-a espacialmente a localizações privilegiadas, e na "City" criou-se um excedente de demanda por edifícios de escritórios não para uso, mas como investimento. Tal estrutura levou à disparada dos preços e, conseqüentemente, à queda dos retornos, uma situação que, por sua vez, acarretou a elevação dos aluguéis através do mecanismo de períodos decrescentes de revisão de aluguel (Barras, 1981). Em outras palavras, o caráter imobiliário do patrimônio do setor financeiro - que representa um aspecto de sua mais abrangente e histórica orientação "monetária" -, em si impulsionou para cima os aluguéis. Por esse meio, produziu-se uma curva ainda mais íngreme de aluguéis no mercado de terras de Londres do que de outra forma poderia ter havido.

Essa concentração geográfica no interior de Londres é espelhada na distribuição espacial dos lucros imobiliários, e a queda não é apenas da região central para a área externa capital inglesa, mas também de Londres como um todo para as cidades das províncias (Barras, 1981, p. 35-6).

Há porém, ainda outra razão para os aluguéis\* serem tão altos não apenas na "City", senão também na maior parte da região central de Londres.

"Uma explicação mais fundamental está no fato de que os custos de mão-de-obra de escritório são muito mais baixos em Londres do que em outras cidades européias ou americanas. Uma vez que os salários representam o componente principal dos custos operacionais dos escritórios, pode-se cobrar aluguéis mais altos em Londres, sem anular suas vantagens de custo global para as companhias multinacionais e instituições financeiras no processo de escolha entre localizações em diferentes centros nacionais. Um estudo patrocinado pelo Location of Office Bureau (Economist's Advisory Group, 1979) calculou os custos diferenciais de salários e de aluguéis para seis cidades européias, utilizando dados de 1977. Para os níveis de secretário, escriturário e gerência, os custos salariais em Londres eram entre metade e um terço das demais cidades européias; para os níveis de altos executivos os salários relativos eram ainda mais baixos, entre um terço e um quarto dos níveis europeus. Em contraste, os aluguéis de imóveis de alto padrão na "City" eram de duas a três vezes mais altos que em Amsterdã, Bruxelas e Genebra, e de 30% a 50% mais altos que em Düsseldorf e Paris. Como resultado desses diferenciais contrastantes, as estimativas de custos combinados de mão-de-obra e de espaço para as seis cidades, sob diversas hipóteses de combinação de padrões de emprego e de espaço construído, mostram que os custos de localização no centro de Londres eram em torno apenas de metade do que em Paris, Düsseldorf e Genebra, e ao menos 30% mais baixos que em Amsterdã e Bruxelas. Por outro lado, os custos de terrenos perfaziam quase 50% dos custos totais na "City" de Londres, comparados aos 10% a 20% nas demais cidades. Para que a vantagem de Londres, em termos de custo, desaparecesse, o uso do espaço construído teria de aumentar dos supostos 50 m<sup>2</sup> por trabalhador de nível de secretário para aproximadamente 122 m<sup>2</sup>, ou os salários médios em Londres teriam de dobrar frente às outras cidades européias" (Barras, 1981, p. 24-6).

Há várias ironias aqui. Um setor financeiro não orientado industrialmente encontra seus sonhos

realizados em sua própria base doméstica, onde os aluguéis, as perspectivas de valorização dos ativos e os lucros de empreendimento são todos extremamente atraentes. Ainda assim, ele pode tirar partido de tal situação *pelo fato* de permanecer competitivo internacionalmente como uma localização, ao mesmo tempo que pode crescer também enquanto usuário, isto é, como centro financeiro. Dentro da estrutura internacional do setor financeiro, Londres dispõe de baixos custos de mão-de-obra e de altos preços imobiliários, e o capital financeiro inglês se beneficia de ambos, como empregador e como investidor.

Mas dentro de Londres tudo isso provoca um importante efeito nas outras indústrias. Diversas grandes empresas que possuíam terrenos próprios aproveitaram a oportunidade vendendo-os, e se "descentralizaram". Grande parte das indústrias de Londres, no entanto, particularmente nas proximidades das áreas centrais, era por muito tempo constituída de pequenas empresas, muitas vezes "suando a camisa" e trabalhando perto dos limites inferiores de retornos financeiros. Estas empresas pequenas são atingidas de ambos os lados. À medida que altos aluguéis no setor de escritórios se espraiam pelo mercado fundiário, atingindo todos os preços imobiliários, os custos de localização se elevam. E se os salários de escritório em Londres são baixos para os padrões internacionais, eles são altamente competitivos para tais indústrias, particularmente num momento em que já estão sob pressão por parte das importações de custo mais baixo. Enquanto, como foi mostrado no caso da indústria do vestuário, muitas das grandes companhias saíram à procura de mão-de-obra mais barata em outro lugar, um grande número de empresas menores simplesmente faliu.

Assim, enquanto o setor financeiro continua a florescer e a consolidar a posição do capital bancário inglês dentro da divisão internacional do trabalho pela transformação internacionalmente tal estrutura só pode ter a vantagem de declínio precipitado das indústrias manufatureiras menores em Londres. O duplo legado de Londres, como centro do capital bancário, por um lado, e do pequeno capital industrial, por outro, é um legado extremamente peculiar e tenso.

\*Aluguéis ("rents") se referem, na Inglaterra, tanto a terrenos quanto a imóveis construídos (N.T.)

## Indústria de transformação

O capital industrial inglês também tem uma estrutura específica, e que também reflete sua herança histórica específica. Em mais de um sentido, a indústria inglesa é dividida em duas partes. Por um lado, há um setor dinâmico e altamente internacionalizado; por outro, há uma pequena indústria nacional funcionando silenciosamente quando pode e não querendo ser perturbada (Gamble, 1981; Massey, 1984). Não se trata simplesmente de uma divisão entre grande e pequeno capital. Existe muito capital relativamente pequeno e que é altamente internacionalizado em sua orientação. E também existe um bom número de empresas médias, e mesmo de maior porte, que anseiam apenas sobreviver dentro de sua linha de produção escolhida. Acima de tudo, a divisão é uma questão de capital internacional e capital nacional. É uma divisão conhecida na maioria dos demais países capitalistas metropolitanos\*, mas na Grã-Bretanha a iniciativa está mais firmemente nas mãos do capital internacional (tanto financeiro quanto industrial) que em qualquer outro lugar. Em nenhum outro país metropolitano, o capital internacional é tão poderoso *politicamente*. Em nenhum outro país, talvez, o capital industrial exclusivamente nacional encontra-se tão atrasado e sem dinamismo (compare-se, por exemplo, com o caso da Itália). E não obstante, o capital inglês ainda é o segundo maior agente de investimento direto externo do mundo. Não se encontra país do Primeiro Mundo onde capital nacional e economia nacional sejam tão pouco equivalentes, e tão conflitantes em seus interesses. Enquanto a economia inglesa naufraga, o capital inglês continua a investir no exterior. Andrew Gamble falou de "um dos grandes paradoxos do declínio britânico - por que uma economia de desempenho tão ruim pode, no entanto, ter produzido mais companhias multinacionais do que qualquer outro país, exceto os Estados Unidos" (1981, p. 113). Não é um paradoxo, claro, como ele esclarece depois. As duas coisas são parte integrante uma da outra.

E juntas elas têm um impacto significativo sobre a economia espacial (*space-economy*) inglesa.

O caráter social da indústria britânica é parte do que explica a fraqueza estrutural da economia, com seu alto grau de vulnerabilidade à de-

industrialização, cujos resultados geográficos já foram mencionados. Explica também a facilidade com que mesmo "nossa" indústria pode decidir a colocar sua P e D (pesquisa e desenvolvimento) de ponta no exterior.

A divisão dentro do capital industrial pode ser vista claramente em uma indústria como a têxtil, por exemplo. Por um lado, firmas internacionalizadas como a Courtaulds, tendo o mundo como sua casa, com um grau assombrosamente alto de mobilidade internacional; por outro, uma multidão de pequenos e médios produtores nacionais, com tecnologias atrasadas e administrações medíocres. Essa divisão se acentuou na década de 50, a última década claramente anterior ao início da desindustrialização. Foi uma década em que o modo de expansão do capital inglês acumulou ainda mais problemas para a economia inglesa. Enquanto quase nada foi feito para modernizar a base física da indústria inglesa no próprio país, o capital inglês investia maciçamente no exterior. Houve uma falta de atividade equivalente na frente espacial. Hoje se diz freqüentemente que pouco pode ser feito com relação às desigualdades geográficas, por causa da queda global do nível de emprego. A ironia de tal argumento é que durante o período pós-guerra de crescimento industrial ininterrupto, dos anos 50 na Inglaterra, quase nada foi feito para restabelecer os desequilíbrios espaciais.

Atualmente, essa característica do capital industrial inglês coloca sérios problemas para as diferentes economias regionais do país. Nas antigas "Áreas de Desenvolvimento", as filiais do capital multinacional - em grande parte capital multinacional inglês - são vistas como a fonte mais provável de novos empregos. Mas a sua própria multinacionalidade as torna inseguras como base sobre a qual se possa tentar reconstruir uma economia regional. Freqüentemente e inesperadamente elas são fechadas e mudam-se para outro lugar. Elas são parte da instabilidade das indústrias, subsidiárias que tanto amarga a vida das regiões periféricas. Da mesma forma que tais elementos do "capital inglês" fazem parte do problema da economia como um todo, também fazem parte do problema específico das regiões.

Contudo, o que haveria de alternativa, dada a estrutura atual da indústria inglesa? Boswell ca-

racterizou corretamente o que sobra da indústria cotonificia como "uma estória de firmas menores: de sua obsolescência e decadência, sua tenaz resistência às pressões externas, sua persistente recusa tanto da adaptação como da falência" (1973, p. 114). Esse tipo de capital, de forma geral, é o elemento mais importante do que resta hoje de controle regional na indústria inglesa. Não oferece perspectiva muito alentadora de crescimento futuro.

Ironicamente, tais companhias cuja base ainda é regional e que mostram sinais efetivos de dinamismo, quando crescem, o fazem geralmente por via da internacionalização de sua produção. Isto vale particularmente para as economias do Noroeste e de West Midlands. Tais regiões são microcosmos especialmente representativos da economia como um todo. A sua desindustrialização tem sido concomitante à internacionalização de "seu próprio", capital regional. Êxito do capital local não implica em sucesso para a economia local, ou padrões razoáveis de vida para a população local.

Assim, às diferentes regiões do país resta uma série de opções desagradáveis, dentro do leque de políticas atuais. As regiões podem se tornar cada vez mais aquilo que muitas delas já estão se tornando a passos acelerados: a saber, postos avançados, quase sempre temporários, do capital multinacional. Ou, então, as regiões podem-se agarrar a empregos em firmas menores e mais antigas, cuja sobrevivência até agora é consequência mais da inércia do que da competitividade; uma recusa da morte mais do que uma vontade de viver. Ou, se elas porventura virem "suas companhias" crescerem, é mais que provável que também tenham de assisti-las partirem. Tais são as implicações atuais da economia internacionalizada (e do capital inglês em particular) e da mutação da posição nacional da Grã-Bretanha dentro dela.

E é, acima de tudo, o elemento multinacional dominante na economia incluindo tanto a indústria manufatureira internacional como a "City", que está estruturando a nova divisão espacial do trabalho - a forma emergente de desigualdade geográfica na Inglaterra contemporânea. É principalmente sua forma espacial que estrutura a dicotomia emergente entre o "Sunbelt" e o resto do país. Seus centros administrativos acham-se separados da produção e concentram-se esmagadoramente em Londres - e quando se descentralizam, raramente vão para além da Área Metropolitana Externa. Suas instala-

ções de pesquisa e desenvolvimento forneceram a base inicial de atividade que se localizam num arco de alta tecnologia que vai de Severn até Cambridge. E são suas filiais, restritas à produção, com seus empregos não-especializados e mal remunerados, que lideram a descentralização para cidades menores, áreas menos urbanizadas e regiões periféricas.

Assim, nos defrontamos agora com novos tipos de problemas regionais: aqueles resultantes do controle externo e da separação mais profunda de funções entre regiões. As bases principais de desigualdade regional não mais se alicerçam em diferenças na estrutura industrial. Assim que essa lição foi absorvida, ela também se tornou na verdade irrelevante. Pois agora é a geografia interna do capital multinacional que está em questão.

## Estratégia política

Assim, boa parte do que aconteceu, e está ainda acontecendo à geografia da economia britânica, pode ser atribuída a causas mais profundas ao nível da mudança de posição da Inglaterra dentro da divisão capitalista internacional do trabalho. Mas as alterações sucessivas nessa posição não foram determinadas apenas pelas forças econômicas, muito menos pelas forças do "mercado". Foram também, uma questão essencialmente política. As estratégias passadas e presentes do Estado britânico se omitiram completamente em confrontar o fato de que existe uma contradição entre a saúde da economia inglesa e a forma específica da perspectiva e dos interesses internacionais dos elementos dominantes do capital inglês. Há também uma contradição entre a perspectiva e a geografia da economia inglesa.

É uma contradição que o Estado britânico nunca reconheceu e com a qual nunca lidou, e a esquerda britânica hoje se confronta com as conseqüências desse fato. Para a esquerda, a contradição é que a desindustrialização está claramente produzindo incalculáveis sofrimentos para muitos estratos da classe operária, devastando as economias locais de cidades e regiões, e solapando grande parte das bases organizacionais do movimento trabalhista... e no entanto, enquanto tudo isso ocorre, deve-se encerrar também o fato de que, em última instância, o crescimento das economias regionais, cujo colapso nós hoje lamentamos, foi construído, de uma maneira ou de outra, sobre o do-

\*"Metropolitanos" centrais, avançados, industrializados etc. (N.T.)

mínio internacional e imperial inglês. Procurar restabelecer essa posição seria uma forma estranha de internacionalismo da esquerda. O que se requer é uma estratégia para a economia inglesa que ousasse questionar a natureza da recuperação econômica, o significado e a finalidade de tal recuperação, e que está claramente relacionado a uma estratégia a respeito do papel da Inglaterra na economia internacional e de sua posição política internacional.

Trata-se de um elemento de política de desenvolvimento onde há muito espaço para iniciativas. Pois um século de história do Estado inglês revela esse último enrijecido em um papel político e econômico que uma vez detinha por um momento passageiro no século XIX e que se tornou insustentável. Foi em 1903 que Joseph Chamberlain, um "social-imperialista", argumentava, de sua base em Birmingham, que o internacionalismo de livre-comércio do Estado inglês só podia levar à ruína da desindustrialização: "o açúcar acabou; a seda acabou; o ferro está ameaçado; a lã está ameaçada; o algodão acabará! Até quando os Senhores vão tolerar isso?" (citado em Gamble, 1981, p. xx). Quando se examina hoje os destroços da economia de Birmingham, a eloquência dos fatos não deixa nada a desejar.

E a contradição não termina aí. Nos últimos vinte anos, desde que o emprego industrial começou a cair em termos absolutos, todas as estratégias econômicas e políticas dominantes acabaram por sacrificar, sob uma pressão ou outra, os interesses da economia inglesa de base nacional em favor dos interesses do capital bancário e dos setores internacionalizados da própria indústria.

Outro dia eu dei uma nova olhada em um estudo que fiz na década de 70 com Richard Meegan (Massey and Meegan, 1979). Era um estudo sobre o impacto geográfico, dentro da Inglaterra, da atuação da Corporação de Reorganização Industrial (CRI). E tudo estava lá. O aumento da produção na periferia, tanto em regiões não centrais como em cidades menores. O colapso das cidades, à medida que se lidava com os problemas de "sobrecapacidade" - nesses casos, problemas que resultaram, indubitavelmente, do inchaço da produção nacional em mercados outrora cativos do Império/Commonwealth (Comunidade Britânica). A concentração das sedes administrativas e matrizes em Londres. As hierarquias de pesquisa e desenvolvimento do produto e seu foco no sul e

no leste. O CRI foi uma tentativa de livrar a economia da estagnação. Isso foi feito por meio da multiplicação e do favorecimento da grande indústria ainda mais. Nesse processo, o CRI reforçou deliberadamente as tendências para uma nova divisão espacial do trabalho, uma nova forma de desigualdade geográfica, de "problema regional" no país. O que nós não enfocamos em nosso relato sobre o projeto do CRI, embora tivéssemos grande parte das informações - e confirmado, de resto, por outros (Singh, 1975) -, foi a outra contradição no processo. Ou seja, que a tentativa de "modernizar" a economia inglesa não somente reforçou novos padrões de desigualdade interna, como também teve resultados extremamente ambíguos mesmo em termos de seu principal objetivo de recuperação econômica nacional. Isto porque as companhias maiores assim criadas eram também mais internacionalizadas. A competitividade internacional revigorada foi acompanhada menos por um aumento das exportações, senão por mais investimento no exterior. É de se perguntar, se não apenas para resolver os problemas da economia inglesa, mas também para enfrentar as desigualdades gritantes que há hoje entre as diferentes regiões do país, não seria necessário desafiar a posição política e econômica do capital multinacional inglês, assim como denunciar o compromisso específico com aquele último e seu papel internacional, mantido há tanto tempo pelo Estado inglês.

**Doreen Massey** é geógrafa, professora do Department of Social Sciences - Open University, Milton Keynes, Inglaterra. Este artigo foi publicado no livro *De-Industrialisation and the British Space-Economy*, Ron Martin e Bob Rowthorn (orgs. 1985), MacMillan, London.

## Bibliografia

- BARRAS, R. (1981). The causes of the London office boom, in BARRAS, R. (ed.) *The office boom in London: proceedings of the first CES London conference* (London: CES Ltd.).
- BOSWELL, J. (1973). *The rise and decline of small firms* (London: George Allen & Unwin).
- BUCHANAN, A. (1982). *Food, poverty and power* (Nottingham: Spokesman).
- CLAIRMONTE, F. (1960). *Economic liberalism and underdevelopment* (Bombay: Asia Publishing House).
- ECONOMIST'S Advisory Group (1979). Factors influencing the location of offices of multinational enterprises (London: EAG Ltd.).
- FOSTER, J. (1976). British imperialism and the labour aristocracy, in SKELLEY, J. (ed.) *The general strike: 1926* (London: Lawrence & Wishart), pp. 3-57.
- GAMBLE, A. (1981). *Britain in decline: economic policy, political strategy and the british State* (London: MacMillan).
- HANNINGTON, W. (1976). *The problem of the distressed areas* (Wakefield: E. P. Publishing Ltd.).
- HARRISON, P. (1983). *Inside the inner city* (Harmondsworth: Penguin Books).
- KEEBLE, D. (1976). *Industrial location and planning in the United Kingdom* (London: Methuen).
- LIVINGSTONE, K. (1983). Why labour lost, *New left review* 140, pp. 23-39.
- MASSEY, D.B. and MEEGAN, R.A. (1979). The geography of industrial re-organisation: the spatial effects of the restructuring of the electrical engineering sector under the Industrial Re-organisation Corporation, *Progress in planning*, vol. X, part 3.
- MASSEY, D.B. (1984). *Spatial divisions of labour: social structures and the geography of production* (London: MacMillan).
- SINGH, A. (1975). Take-overs, economic natural selection and the theory, of the firm: evidence from the post-war UK experience, *Economic Journal*, 85, pp. 497-515.
- SOUTHALL, H. (1983). *Regional unemployment patterns in Britain, 1851-1914*, unpublished Ph. D. Department of Geography, University of Cambridge.